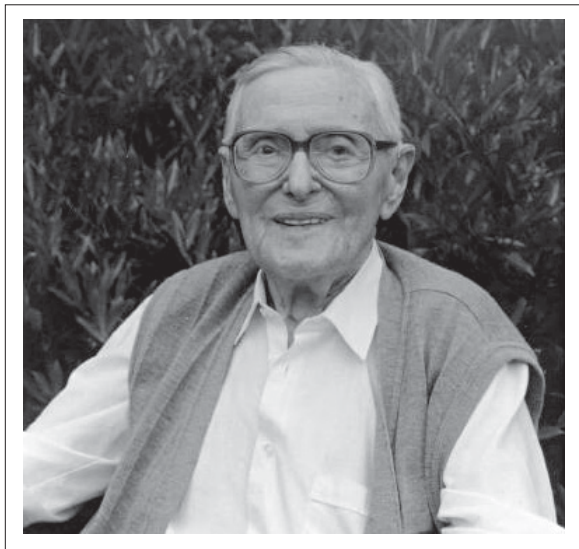


## Harald Sioli: Falece cientista apaixonado pela Amazônia

Homenagem de Hilgard O'Reilly Sternberg<sup>1</sup>

1910-2004



*Estou feliz e grato que ainda vi bastantes países em estado mais ou menos natural, i.e. não tão perturbados pelo homem "civilizado", antes de tudo a nossa querida Amazônia [...] Continuo escrevendo a minha "confissão de vida", mormente do tempo que vivi na Amazônia. Concentrando-me naquele assunto, aquele período torna-se vivo novamente até em bastantes detalhes. É uma experiência engraçada e compreendo mais nitidamente que aqueles anos me estamparam definitivamente, de forma que nunca mais posso me integrar na chamada "civilização". Tive muita sorte mesmo na minha vida!*

*[Cartão postal "Para o dia 5 de julho de 1998"]*

Evoco aqui, com admiração e saudade, um colega com quem mantive sólidos laços de amizade durante mais de meio século. E, se desta estima fosse necessário um memento, aí está no meu arquivo volumosa correspondência profissional e pessoal. A congruência de muitos interesses científicos, a comum preocupação com a interface entre sociedades humanas e meio ambiente e, finalmente, a importância que sempre demos às observações de campo resultaram em múltiplas oportunidades de convívio em diversas ocasiões

e díspares lugares. E não só na Amazônia, principal foco de nossas atenções.

Assim, em 1972, quando participamos da reunião da União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais, em Banf, no Canadá, aproveitamos para fazer uma excursão às geleiras das Montanhas Rochosas. De abril a junho de 1977, o amigo colaborou no meu programa sobre a Amazônia, na Universidade da Califórnia em Berkeley; foi ensejo para excursionarmos pela região vulcânica do norte da Califórnia. Encontramo-nos

<sup>1</sup> Original em português do texto, do qual se extraíram algumas palavras para serem lidas por ocasião dos funerais em Ploen no dia 21 de outubro de 2004. O autor do obituário é Membro Titular da Academia Brasileira de Ciências e Professor Emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Universidade da Califórnia em Berkeley. Em 1998, o Museu Paraense Emílio Goeldi publicou a segunda edição do seu livro *A Água e o Homem na Várzea do Careiro*, com "Apresentação" de Harald Sioli.

no México, em 1979, como membros da comissão “Prioridades de Pesquisa em Regiões Tropicais”, estabelecida pela Academia Nacional de Ciências dos Estados Unidos. No contexto dessa reunião, tivemos a oportunidade de observar e discutir experimentos visando à recuperação de áreas costeiras úmidas de Vera Cruz e Tabasco. A Conferência Internacional destinada às “Questões Abertas de Pesquisa nas Ciências da Vida sobre as Condições do Meio Ambiente Tropical”, promovida em 1985 pelo Institut de la Vie, de Paris, em Fort-de-France, na Martinica, colocou-nos diante de outras paisagens tropicais e outras discussões.

Acompanhado de minha mulher, gozei da hospitalidade de meu colega, em sua residência oficial em Ploen, e ele, por sua vez, hospedou-se em nossa casa quando em Berkeley. E, em todos os nossos encontros, o homem de ciência revelava sua preocupação com o destino do meio ambiente e os descaminhos da humanidade.

Este amigo foi **Harald Felix Ludwig Sioli**, durante muitos anos Diretor do Instituto Max-Planck de Limnologia em Ploen, Alemanha. Nascido em Koethen, Alemanha, doutorou-se em 1934 pela Universidade de Kiel (onde décadas depois, receberia o título de Professor Honorário de Limnologia). Embarcou logo em seguida para o Recife, na qualidade de assistente do Dr. Friedrich Lenz, à época colaborador do Instituto Hidrobiológico em Ploen. Este cientista fora convidado pelo eminente brasileiro, Dr. Rodolpho von Ihering, Diretor da Comissão Técnica de Piscicultura do Nordeste, para realizar estudos hidrobiológicos nos açudes do nordeste semi-árido. Sioli regressou à Alemanha ao término da missão, em 1935. Voltaria ao Brasil em 1938, iniciando em 1940 seus estudos limnológicos sobre a Amazônia, onde residiu por duas décadas.

Harald Sioli, colocando a tônica nos rios, muito contribuiu para a evolução do próprio conceito da Limnologia, tradicionalmente centrada nos lagos. Fato expressivo é que o primeiro Simpósio

Internacional sobre os Grandes Rios da América Latina, em 1990, foi dedicado a ele, como o “Pai da Limnologia Fluviátil Sul-americana”. Não se limitando à análise das características físicas e químicas das águas da Amazônia, Sioli vinculou-as à geologia e ao revestimento vegetal das cabeceiras, examinou-lhes o potencial para a produção primária, investigou seu papel na gênese e aptidão agro-pastoril das terras aluviais e apontou seu papel epidemiológico. Por outro lado, examinou o impacto antrópico sobre as águas: seja, por exemplo, a contribuição das queimadas para o teor de bicarbonatos em águas extremamente ácidas; seja o desmatamento das margens e a proliferação do hospedeiro da esquistossomose.

Com mais de 150 trabalhos publicados (entre livros e artigos científicos), Sioli foi co-fundador, com Djalma Batista, do periódico científico *Amazoniana* (cooperação entre o Instituto Max-Planck e INPA) que, junto com a *Acta Amazonica* (INPA), representa um dos maiores inventários científicos do mundo sobre a região. Com suas publicações e seu exemplo, Harald Sioli inspirou e liderou considerável número de cientistas brasileiros e estrangeiros em suas pesquisas sobre a Amazônia e o Brasil. Sendo admirável sua contribuição na área da ciência pura (“*hard science*”), sempre manifestou também sua preocupação pessoal, de caráter moral, com a complexidade e fragilidade dos ecossistemas amazônicos e com as ameaças que pairam sobre a população ameríndia e cabocla.

Hoje, sete décadas após o primeiro contacto de Sioli com o Brasil, quero referir brevemente pequena vinheta inserida no acontecimento que dominou o mundo durante os primeiros anos de sua residência neste país. Refiro-me aos anos trágicos da Segunda Guerra Mundial. Em agosto de 1942, cinco navios de cabotagem brasileiros foram torpedeados por submarinos alemães, quase à vista da costa. O Brasil declarou existir o estado de guerra com a Alemanha e a Itália. Sioli, em viagem de estudos, foi preso em Santarém, por ser cidadão

alemão, e recolhido na isolada colônia agrícola japonesa de Tomé-Açu, à margem do pequeno rio Acará-Mirim. Este núcleo fora transformado em campo de internação de cidadãos dos países inimigos, no qual os detidos eram, em sua maioria, utilizados na limpeza de estradas e caminhos. Sioli, porém, graças a sua formação de biólogo, foi designado para trabalhar na farmácia, que funcionava também como ambulatório, servindo aos detentos e aos ribeirinhos da região. Aí, aprendendo com um médico brasileiro e uma enfermeira japonesa, foi se transformando em “prático” de medicina. Com a saída do clínico, passou a “Chefe” da farmácia e do hospital, incumbindo-se desde o tratamento das doenças tropicais prevalentes até as cirurgias de emergência.

Com esse pano de fundo, permito-me citar aqui uma passagem das memórias, ainda inéditas, de Sioli. Referindo-se a estada em Tomé-Açu, ela ilumina um pensamento íntimo e muito revelador:

*“Gostava do meu trabalho precisamente porque, em tempo de guerra, quando o extermínio da vida humana constituía alvo e tarefa da maioria dos homens, era-me concedida a dupla satisfação de poder fazer algo para a conservação da vida.”*

Decididamente, este homem não era apenas cérebro, mas coração e alma.

O Brasil que, gerações atrás, impusera ao jovem árduo as agruras de prisioneiro de guerra, primou em reconhecer o valor da contribuição que ele prestou durante sua longa vivência no Brasil. Não se regatearam as honras com que foi galardoado. Assim, por exemplo, em 1967, a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul; em 2001, a Ordem Nacional do Mérito Científico e, no mesmo ano, a eleição

para Membro Estrangeiro da Academia Brasileira de Ciências.

Numa carta escrita em 2000, Sioli, depois de tecer comentários sobre “a mãe terra” e o “beco sem saída”, no qual estaria a humanidade, relatava com atitude positiva, de conformação e coragem:

*“Eu mesmo continuo a passar do mesmo jeito, somente as pernas fazem mais dificuldades ao andar. Mas elas já me carregaram durante tanto tempo e a tantos lugares do nosso planeta privilegiado, que somente posso ser grato por tudo que elas me propiciaram. E na velhice a gente vive mais no passado do que no presente...”*

Convicto do valor de se registrar esse passado, Sioli, embora combalido pela enfermidade que acabou exigindo a amputação de uma perna, mostrou mais uma vez a força de seu espírito e a determinação de concluir suas memórias. Acredito que, na ocasião de sua morte, estas já tivessem chegado bem além das 1382 páginas datilografadas (e ilustradas por suas excelentes fotografias), que recebi em 2003. Alguns meses depois de seu 94º aniversário, trabalhando, já noite, na tarefa que se impusera, Sioli se sentiu mal. Levantou-se da máquina de escrever para descansar e, poucas horas depois, no dia 14 de outubro deste ano, a chama, já bruxuleante, extinguiu-se para sempre. O texto inacabado que nos legou narrativa de suas recordações, observações de campo e reflexões *in situ*, destinava-se a ser rico manancial para a história da investigação científica na região amazônica.

Com efeito, Harald Sioli deixou muito para que dele se orgulhassem seus filhos e netos, seus colegas da Max Planck, seus amigos brasileiros e a grande comunidade científica a que pertenceu.